

A Relevância de Max Stirner para os Anarco-Comunistas

Matty Thomas

10 de Janeiro de 2017

Conteúdo

Introdução	3
Ideias de Stirner	3
A Relevância de Stirner para os anarco-comunistas	6
Recomendações para leitura:	8

Introdução

Desde a publicação do livro de Max Stirner *Der Einzige und Sein Eigenthum* (O Único e sua Propriedade ou o Ego e a sua Propriedade) em 1844, a reação variou de repúdio completo a aceitação total e acrítica. Muitas coisas estranhas e contraditórias foram ditas sobre Stirner. O respeitado acadêmico anarcossindicalista Noam Chomsky o rotulou como uma influência sobre os devotos do capitalismo laissez-faire extremo, erroneamente conhecido nos Estados Unidos como libertários. No entanto, há aqueles que fizeram das ideias de Stirner a própria base de sua organização anarcossindicalista. Talvez interpretações tão variadas sejam inevitáveis quando confrontados com um livro que às vezes parece quase deliberadamente destinado a perturbar e desconcertar.

O objetivo deste panfleto é explorar as ideias do grande pensador alemão e seu valor para os anarco-comunistas. Alguns leitores familiarizados com o trabalho de Stirner ficarão irritados com isso imediatamente, apontando que Stirner era um crítico franco do comunismo. Ele era de fato. Mas o comunismo que Stirner criticou era a mesma variedade de comunismo que os anarquistas criticam – o comunismo *autoritário*. O anarcocomunismo, como uma teoria política desenvolvida, não existia realmente na época de Stirner, e o comunismo que Stirner tinha em mente era o comunismo do mosteiro ou do quartel, um comunismo de auto-sacrifício e nivelamento geral. Aqueles que prefeririam um comunismo que garantisse a liberdade de cada indivíduo de se desenvolver como único podem encontrar muito que é de valor em Stirner.

Ideias de Stirner

Stirner começa seu livro perguntando: “O que não deveria ser minha preocupação?” Ele responde que um indivíduo deveria se preocupar primeiro com a causa de Deus, depois com a causa da humanidade, a causa do país, da verdade, da justiça e 1.000 outras causas. A única causa que não deveria preocupar o indivíduo é sua própria causa, a causa de *si mesmo*. *Minha* causa não deveria ser minha preocupação. A pessoa que faz de sua própria causa sua preocupação é uma pessoa egoísta. Em vez disso, o indivíduo é sempre instruído a colocar outra causa antes da sua. Devemos trabalhar incansavelmente a serviço de um outro ou outros, nunca para nós mesmos. Pensar em fazer o contrário tornaria alguém um egoísta imoral. Somos morais apenas quando somos altruístas, quando assumimos uma causa estranha a nós e a servimos.

Stirner não quer nada disso. Ele pergunta: Deus serve a uma causa que não seja a Sua? *Não*, respondem os fiéis. *Deus é tudo em todos, nenhuma causa pode deixar de ser Sua*. A Humanidade serve a uma causa que não é a sua? pergunta Stirner, e os humanistas respondem: *Não, a Humanidade serve apenas aos interesses da Humanidade. Nenhuma causa pode deixar de ser a causa humana*.

As causas de Deus e da Humanidade acabam se revelando, no final, puramente egoístas. Deus se preocupa apenas consigo mesmo, o homem também. Então Stirner encoraja seus leitores a seguir o exemplo desses grandes egoístas e *se tornarem a coisa principal por completo*. Em outras palavras, a se tornarem egoístas conscientes. Para Stirner, todos os indivíduos são absolutamente únicos e, uma vez que o indivíduo se torna consciente de seu egoísmo, ele rejeitará qualquer tentativa de restringir sua singularidade pessoal ou restringir sua autonomia individual. Isso, é claro, inclui chamados para agir apenas a serviço de algo superior a si mesmo. Aqueles que se sacrificam para servir a algum ser ou causa superior são egoístas enganados ou inconscientes, buscando seu próprio prazer e satisfação em nome de qualquer causa à qual se subordinaram, mas se recusando a admitir isso. Eles são egoístas que gostariam de não ser egoístas:

“Tudo o que vós fazeis denuncia um egoísmo inconfesso, secreto, encoberto e escondido. Mas, sendo um egoísmo que vós não quereis confessar, que escondeis de vós próprios, portanto um egoísmo não manifesto, não aberto e por isso inconsciente, não é egoísmo, mas escravidão, servilismo, renúncia; sois egoístas e não sois, porque renegais o egoísmo.”

Stirner começa e termina seu livro chorando, “Eu coloquei minha causa em nada!” Esta citação de Goethe teria sido familiar ao público alemão contemporâneo de Stirner. A próxima linha não declarada do poema é, “E todo o mundo é meu.” O eu, para Stirner, é algo impossível de compreender completa-

mente, porque cada um de nós está constantemente consumindo e recriando seu eu. Stirner se refere a este processo de autoconsumo e autocriação como o *nada criativo*: “O nada que eu sou não o é no sentido da vacuidade, mas antes o nada criador, o nada a partir do qual eu próprio, como criador, tudo crio.” As causas externas que estão sempre pedindo ao indivíduo para se colocar em último lugar, que o tratam como se ele não fosse nada, agora estão sujeitas a serem ativamente apropriadas e usadas pelo egoísta como ele achar adequado.

O Único e a Sua Propriedade é organizado em torno de uma estrutura dialética de três partes. Stirner começa nos dando o exemplo de uma vida humana e, em seguida, compara os três estágios do desenvolvimento humano aos três estágios do desenvolvimento histórico. Começamos a vida como crianças *realistas*. Durante esta fase, a criança está sujeita a forças físicas externas, como seus pais. No entanto, a criança começa a se libertar dessas restrições por meio do que Stirner chama de descoberta da mente. A criança, usando sua inteligência e determinação, começa a fugir das forças puramente físicas que antes a mantinham sob controle. Dessa forma, passamos da infância realista para a juventude *idealista*. As restrições externas do físico não têm mais nenhum terror para o jovem, mas agora ele está sujeito às restrições internas da razão, da consciência, do ideal. A criança é apaixonada pelo lado terreno da vida, a juventude pelo celestial. Somente quando alguém atinge a idade adulta *egoísta* é que se liberta das restrições externas, terrenas, e internas, celestiais. Stirner resume assim:

“Do mesmo modo que eu me encontro por detrás das coisas, precisamente como espírito, assim também mais tarde me encontro por detrás das ideias, precisamente como seu criador e eu-proprietário (Eigner). Na fase dos espíritos, fiquei cheio de ideias até por uma da cabeça, de onde elas, aliás, tinham nascido: como fantasias febris, giravam à minha volta e assustavam-me com o seu terrível poder. As ideias tinham ganho corpo em si mesmas, eram espectros, tal como Deus, o imperador, o papa, a pátria, etc. Se eu destruir a sua corpotalidade, assimilo-a à minha e digo: só eu tenho corpo. E então tomo o mundo como aquilo que ele é para mim, como o meu mundo, a minha propriedade: eu sou a referência única de tudo.”

Stirner então mostra essas mesmas três fases no contexto do desenvolvimento histórico: o mundo realista da antiguidade, o mundo idealista da modernidade e o futuro egoísta que ainda não surgiu. Ele compara o mundo antigo, pré-cristão, à infância realista e o mundo moderno, cristão, à juventude idealista. Com a ascensão do secularismo, a sociedade moderna alega ter escapado da dominação dos modos religiosos de pensamento sobre a vida. Não é bem assim, diz Stirner. A modernidade serviu apenas para aumentar a dominação da religião — a dominação de *essências superiores* sobre o indivíduo. Um exemplo é a Reforma Protestante. Enquanto a Reforma é e foi amplamente considerada como um evento libertador que abriu as portas para “a religião da liberdade de consciência” e libertou a vida da autoridade da igreja, Stirner a via como uma expansão e fortalecimento da dominação religiosa. A religião foi, por meio da Reforma, capaz de se intrometer em áreas da vida onde antes era desconhecida. A igreja católica impedia os padres de se casarem; o protestantismo tornou o casamento religioso. De forma semelhante, a igreja católica com seu sacerdócio institucionalizado e formal, colocou a autoridade religiosa fora do indivíduo. O protestantismo, no entanto, aboliu o clero institucional em favor de um “sacerdócio de todos os crentes” e, assim, colocou a autoridade religiosa *dentro* do crente — uma autoridade da qual ele nunca poderia escapar. O resultado deixou os indivíduos em guerra consigo mesmos, divididos entre realizar seus desejos e serem atormentados pela ideia fixa de autoridade religiosa internalizada. Stirner compara isso à luta entre os cidadãos e a polícia secreta do estado.

Esse padrão, argumenta Stirner, continuou por toda a modernidade. Embora tenha havido muita conversa sobre progresso e obtenção de uma sociedade mais livre, sobre transcender os valores desgastados e tradições mortas do passado, a modernidade apenas transforma a autoridade — ampliando e fortalecendo-a em virtude de torná-la mais invisível. A ascensão do humanismo, por exemplo, destroinou o Deus crucificado e em Seu lugar exaltou a Humanidade. Mas como a Humanidade também é um ideal colocado acima do indivíduo para que ela se subordine, Stirner considera o humanismo tanto uma religião quanto o cristianismo que ele alega ter superado. “Nossos ateus são pessoas piedosas.” O humanismo, diz Stirner, é na verdade mais tirânico do que o teísmo porque a *Humanidade* fantasma é capaz de aterrorizar os não crentes junto com os fiéis. Para Stirner, a modernidade apenas aumentou o número de abstrações (que ele chamou de “fantasmas”) às quais as pessoas se subordinam

Stirner acusa aqueles que se consideram “os livres” (poderíamos chamá-los de “progressistas” no jargão de hoje) de se posicionarem como iconoclastas quando, na realidade, são apenas “os mais modernos dos modernos”. Ele era altamente crítico dos hegelianos de esquerda que dominavam a filosofia alemã na época e do liberalismo que estava surgindo como a força predominante no pensamento político e social. Stirner agrupou o liberalismo em três tipos: liberalismo político (o que hoje seria chamado de liberalismo clássico), liberalismo social (socialismo) e liberalismo humano (humanismo). O liberalismo político lidava com os indivíduos como cidadãos livres dentro de um estado, o liberalismo social com os indivíduos como trabalhadores e o liberalismo humano com os indivíduos como seres humanos – mas todas as variedades de liberalismo essencializam algum aspecto do indivíduo e o colocam acima dele como algo a que eles devem se subordinar. Para Stirner, todos os indivíduos são mais do que cidadãos, trabalhadores ou mesmo seres humanos. A natureza humana ou a essência humana não pode ser separada do indivíduo e colocada acima dele, porque então se torna nada além de outro fantasma. Para Stirner, não existe uma essência humana universal a ser colocada acima das pessoas, apenas indivíduos como eles existem aqui e agora como carne e osso.

De sua crítica contundente à modernidade, Stirner passa para a antecipação do futuro egoísta. Ele incita os indivíduos a demolir todas as ideias sagradas e a se libertarem das correntes da autoridade. Essa libertação não é algo que o indivíduo pode deixar outra pessoa fazer por ele. Stirner deixa sua posição clara em um dos argumentos anarquistas mais eloquentes para a autolibertação já escritos:

“É esta a diferença entre autolibertação e emancipação (absolvição, libertação). Quem hoje «está na oposição» reclama, e grita por «libertação». Os príncipes devem «reconhecer a maioria» dos seus povos, isto é, emancipá-los! Mas se vos comportardes com maturidade, tereis a maioria sem que ninguém vo-la conceda; e se não vos comportardes assim, então não a mereceis, e nunca chegareis à maioria, por mais que vo-la concedam. Os Gregos, quando a alcançaram, afastaram os seus tiranos, e o filho maior tornou-se independente do pai. Se aqueles tivessem esperado até que os seus tiranos lhes concedessem a maioria, bem podiam ter esperado. Ao filho que não quer chegar à maioria, o pai sensato põe-no fora de casa e fica com ela sozinho e é bem feito para o pateta do filho

Aquele que é libertado é apenas um escravo liberto, um libertinus, um cão que arrasta consigo um pedaço da corrente: é um escravo disfarçado de homem livre como o burro na pele de leão.”

À medida que mais e mais pessoas se tornam egoístas conscientes, elas negarão restrições à sua individualidade, sejam essas restrições físicas ou espirituais. Deve-se ressaltar que a ideia de egoísmo de Stirner difere significativamente de outras filosofias às vezes chamadas de egoísmo. Stirner era um defensor do interesse próprio, até mesmo do egoísmo, mas ele não usava esses termos da maneira típica e restrita. Stirner não era um apóstolo da busca incessante pelo lucro, nem pregava o isolamento ou usava o egoísmo como desculpa para nunca dar a mínima para ninguém. Para Stirner, o interesse próprio consistia no egoísta individual *ativamente tomando* o mundo ao seu redor como sua propriedade. O uso da palavra propriedade por Stirner fez com que muitos leitores o interpretassem mal, mas ele não estava se referindo à propriedade em um sentido limitado e econômico. Em vez disso, ele usou a palavra para se referir a qualquer coisa que não fosse alienada do egoísta. Portanto, quando tenho um interesse pessoal em uma ideia, estendo a mão e faço dessa ideia minha, minha propriedade. Para o egoísta consciente, o único fator determinante para ganhar algo como propriedade de alguém é a disposição de estender a mão e tomá-lo. O objetivo dessa apreensão ativa de propriedade egoísta é o auto-prazer. Até mesmo outras pessoas são, para Stirner, um meio para o auto-prazer (mútuo)

“Para mim, você não é nada além de meu alimento, assim como sou alimentado e transformado em uso por você. Temos apenas uma relação um com o outro, a de *usabilidade*, de utilidade, de uso.”

Aqueles que veem Stirner como um defensor da exploração dos outros falham em ler o que está escrito. Stirner usou o exemplo de amantes, amigos indo a um café e crianças brincando como exemplos desse tipo de auto-prazer ou consumo mútuo, relacionamentos que ele chamou de *uniões de egoístas*. A união de egoístas é um relacionamento no qual todos os que participam dela o fazem livre e voluntariamente por egoísmo. O egoísta usa a união, a união não a usa. Todos os participantes da união renovam constantemente o relacionamento por meio de um ato de vontade; se algum participante está ficando aquém ou perdendo, então a união degenerou em outra coisa. A união foi o método alternativo proposto por Stirner para organizar a sociedade, um meio pelo qual os egoístas poderiam “afundar o navio do estado” e dar origem a um estado de coisas no qual a autonomia individual floresceria.

Este foi necessariamente apenas um resumo extremamente breve das ideias de Stirner, com a intenção de despertar interesse e fornecer contexto para a segunda metade deste ensaio. A amplitude e o escopo do pensamento de Stirner o tornam difícil de resumir, e esta seção poderia facilmente ter sido duas vezes mais longa. Aqueles famintos por mais devem consultar a lista de leitura recomendada no final do panfleto. Todos terão que decidir quanto de Stirner querem levar e o que fazer com isso, mas como o próprio Stirner disse sobre as interpretações de sua obra, “isso é problema seu e não me incomoda”.

“Eu não coloco minha causa em nada!”

A Relevância de Stirner para os anarco-comunistas

É um fato que até relativamente recentemente, a maioria dos anarquistas inspirados por Stirner não eram comunistas. Nos Estados Unidos, os expoentes mais conhecidos do egoísmo foram Benjamin Tucker e seus camaradas, centrados em torno do jornal anarquista individualista *Liberty*. De fato, Tucker foi a força motriz por trás da publicação da primeira edição em inglês do livro de Stirner. No entanto, ele também foi uma influência significativa em pensadores mais na tradição anarquista convencional. Na década de 1940, os anarcossindicalistas do Glasgow Anarchist Group fizeram das ideias de Stirner a base de sua organização. Eles tomaram a ideia de Stirner da união de egoístas literalmente como uma forma de se organizar livremente dentro da indústria e, portanto, explicaram o sindicalismo como “egoísmo aplicado”. O ativista e cartunista anarcocomunista Donald Rooum foi apresentado a Stirner por membros deste grupo e aderiu ao egoísmo consciente desde então. O anarquismo de Emma Goldman foi profundamente influenciado por pensadores como Stirner e Nietzsche. Na introdução de seu livro *Anarchism and Other Essays*, Goldman defende Stirner contra interpretações superficiais e errôneas, comentando que sua filosofia contém “as maiores possibilidades sociais”. Até mesmo o mais jovem Murray Bookchin, cuja atitude em relação ao egoísta alemão mais tarde azedou consideravelmente, escreveu:

“Stirner criou uma visão utópica da individualidade que marcou um novo ponto de partida para a afirmação da personalidade em um mundo cada vez mais impessoal.”

Claramente, anarquistas socialmente orientados têm se interessado pelas ideias de Stirner. Eles continuam interessados hoje, e por um bom motivo. Em um mundo onde até mesmo revolucionários muitas vezes se encontram perdidos entre inimigos do indivíduo e apelos por auto-sacrifício, o egoísmo intransigente de Stirner é uma lufada de ar fresco. Muitos comunistas, enquanto rejeitam Deus Pai, Deus Estado e Deus Corporação, criam em vez disso Deus Comunidade, uma divindade assustadora que Kropotkin chamou de “mais terrível do que qualquer uma das anteriores”. Para Stirner, assim como para o comunista egoísta, tudo isso são fantasmas.

O egoísta comunista não serve ao Povo, às Massas ou a qualquer outro fantasma. Ele serve a si mesmo, porque é parte do povo, parte das massas. Como a Humanidade pode ser feliz quando você e eu estamos tristes? Como os autointitulados marxistas-stirneristas do grupo For Ourselves da Bay Area observaram: “Qualquer revolucionário com quem se pode contar só pode estar nisso por si mesmo; pessoas altruístas sempre podem mudar a lealdade de uma projeção para outra. Além disso, apenas as pessoas mais gananciosas podem ser confiáveis para seguir adiante com seu projeto revolucionário.”

Anarquistas que desejam demolir a autoridade do estado e do capital, mas querem deixar a autoridade de ideias fixas como moralidade, humanidade, direitos ou altruísmo intacta, só vão até a metade do caminho. Para o egoísta, esses fantasmas podem ser ainda mais cruéis do que as formas mais visíveis de autoridade. Altruísmo, viver para servir aos outros, é uma das superstições mais perniciosas existentes em nossa civilização hoje. Trabalhadores se envolvem em uma terrível ação altruísta todos os dias quando trabalham para enriquecer o capitalista, que recebe muito simplesmente em virtude do fato de que ele já tem muito. Mulheres são vítimas de altruísmo quando desperdiçam “vivendo para servir” um homem que não passa de um pequeno tirano sobre o lar. Os outros crimes que vêm do altruísmo são infinitos, e está claro para egoístas conscientes que o socialismo altruísta é uma farsa, capaz apenas de transformar a autoridade, mas não de aboli-la. O egoísmo encoraja os indivíduos a não mais morrerem lentamente dando presentes para aqueles que não dão nada em troca, e dessa ideia flui o desejo comunista egoísta de insurreição e expropriação.

Quando se aplica a noção de fantasma de Stirner a um dos ídolos mais sagrados da sociedade, a propriedade privada, as implicações são quase necessariamente comunistas. Quantos indivíduos tiveram sua individualidade sacrificada e suas vidas arruinadas por esse horrível Moloch? Stirner ridicularizou a ideia de qualquer direito à propriedade (como ridicularizava os direitos em geral), apontando que a propriedade é baseada no poder, ou no poder de alguém para obtê-la e mantê-la. Propriedade privada – propriedade alheia – é apenas mais um fantasma, porque o mundo inteiro é propriedade do egoísta, esperando para ser tomado. Em outras palavras, o egoísta comunista tem como objeto de sua apropriação a totalidade da vida. Stirner insinuou isso com sua citação memorável: “Eu não recuo timidamente de sua propriedade, mas a vejo sempre como *minha* propriedade, na qual eu ‘respeito’ nada. Por favor, faça o mesmo com o que você chama de minha propriedade!”

Stirner também atacou aspectos fundamentais da vida capitalista, como a divisão do trabalho e até mesmo o próprio trabalho:

“Agora, pelo contrário, quando se pretende que todos evoluam no sentido de se humanizarem, amarrar um homem a um trabalho mecânico é como transformá-lo em escravo. O operário fabril que tem de fazer um trabalho esgotante durante doze horas, e mais, foi destituído de toda a dignidade humana. Todo o trabalho deve ter como finalidade a satisfação do homem. Por isso, ele tem de ser mestre nesse trabalho, isto é, desenvolvê-lo como uma totalidade. Se alguém, numa fábrica de alfinetes de peito, se limitar a aplicar as cabeças, ou a esticar o arame, etc., faz um trabalho mecânico, é como uma máquina: será sempre um remendão. nunca um mestre, e o seu trabalho não lhe dará satisfação, mas apenas cansaço. O seu trabalho, em si mesmo, não tem qualquer finalidade -em si, ele não é uma coisa acabada; o operário trabalha apenas para fornecer a alguém um produto não acabado, e é utilizado (explorado) por ele.”

Em contraste com o trabalho capitalista forçado, degradante e regimentado, Stirner justapôs *o trabalho egoísta*, do qual as pessoas participariam puramente por egoísmo e forneceriam oportunidades para autorrealização e autoaproveitamento. Esse trabalho egoísta poderia ser feito sozinho ou em uma união de egoístas com outros, mas cada participante permaneceria conscientemente egoísta. De fato, Stirner reconheceu que a cooperação era frequentemente mais satisfatória do que a competição:

“A aquisição inquieta não nos deixa respirar, ter um *prazer calmo*. Não obtemos o conforto de nossas posses.... Portanto, é de qualquer forma útil que cheguemos a um acordo sobre os trabalhos *humanos* para que eles não possam, como na competição, reivindicar todo o nosso tempo e trabalho.”

A crítica principal de Stirner ao socialismo e ao comunismo como existiam em sua época era que eles ignoravam o indivíduo; eles visavam entregar a propriedade à sociedade de abstração, o que significava que nenhuma pessoa *existente* realmente possuía nada. O socialismo autoritário cura os males da livre competição (que Stirner corretamente observou que não era livre) alienando tudo de todos. Esse tipo de comunismo era baseado na Comunidade, na Sociedade com S maiúsculo, não na *união* que Stirner desejava. Um comunismo que coloca posses nas mãos de um fantasma enquanto não deixa nada para o indivíduo não pode realmente ser muito mais do que uma nova tirania. O anarcocomunismo pode se beneficiar dessas percepções egoístas, pois elas servem como um lembrete de que o comunismo não é buscado por si só, mas como um meio de garantir a cada indivíduo único o auto-prazer e a auto-realização.

Entender a união de egoístas de Stirner é crucial para entender suas ideias sobre *insurreição* e como elas podem ser reconciliadas com visões anarquistas mais tradicionais de *revolução*. Stirner rejeitou a revolução em favor da insurreição, no sentido etimológico de “elevar-se acima”. “A revolução visava novos arranjos. A insurreição nos convoca a não mais nos deixarmos ser arranjados, mas a nos arranjarmos, e não depositar esperanças brilhantes em instituições”. No entanto, Stirner reconheceu o potencial libertador da ação em grupo e o entrelaçamento da insurreição pessoal de cada egoísta, até mesmo comentando sobre o valor da ação de greve:

“Os trabalhadores têm a mais gigantesca força nas mãos, e se um dia tomassem verdadeiramente consciência dela e a usassem, nada se lhes poderia opor: bastava que suspendessem o trabalho e tomassem e desfrutassem daquilo que produziram. É este o sentido das revoltas operárias que surgem aqui e ali.

O Estado assenta na escravização do trabalho. Quando o trabalho se tornar livre, o Estado está perdido.”

Stirner instou os egoístas a se unirem, não por qualquer sentimentalismo romântico ou moralismo deslocado, mas por um desejo de ver o egoísmo se generalizar para que cada egoísta conheça o prazer que pode ser encontrado em outros indivíduos totalmente realizados. O indivíduo genuinamente egoísta nunca ficará satisfeito com nada menos do que um egoísmo universalizado. O egoísta se une àqueles que compartilham seu interesse, e todos os explorados e oprimidos certamente têm um interesse pessoal em pôr fim à sua opressão. O que outros anarquistas chamaram de revolução social é, para o egoísta consciente, um entrelaçamento massivo da insurreição pessoal de cada indivíduo, uma união de egoístas para perpetuar o que Stirner se referiu como “um crime imenso, imprudente, sem vergonha, sem consciência e orgulhoso”. O *crime* de insurreição, de expropriação, de revolução!

“...não ressoa no trovão distante, e você não vê como o céu fica ameaçadoramente silencioso e sombrio?”

Recomendações para leitura:

The Ego and Its Own by Max Stirner. O Magnum Opus de Max Stirner.

Stirner's Critics by Max Stirner. Neste ensaio, Stirner esclarece algumas interpretações errôneas de sua filosofia.

The False Principle of Our Education by Max Stirner. In this article, which predates the publication of *The Ego and its Own*, Stirner critiques both the humanism of the aristocratic style of education, which aimed to produce disinterested scholars, and the realism of the democratic school of thought, which aimed to produce useful citizens. Stirner, while tending to favor the latter, argues that the goal of education should instead be the cultivation of free, self-creating individuals.

“The Individual, Society, and the State” by Emma Goldman. O Ensaio mais Stirneriano de Emma Goldman.

“Victims of Morality” by Emma Goldman. Neste ensaio, Goldman ataca o fantasma da moralidade como uma mentira “prejudicial ao crescimento, tão enervante e paralisante para as mentes e corações das pessoas”.

The Right to be Greedy: Theses on the Practical Necessity of Demanding Absolutely Everything by For Ourselves. Uma fusão inspirada de Stirner e Marx por grupo de curta duração influenciado pelo Situacionismo. For Ourselves argumenta que “a ganância em seu sentido mais amplo é a única base possível da sociedade comunista. As formas atuais de ganância perdem, no final, porque elas acabam não sendo gananciosas o suficiente.”

The Minimum Definition of Intelligence by For Ourselves.. Uma crítica da ideologia e do pensamento fixo, juntamente com teses sobre a construção da própria teoria crítica do Único.

The Soul of Man [sic] Under Socialism by Oscar Wilde. Este belo ensaio é uma das mais eloquentes defesas egoístas do comunismo libertário já escritas. Não se sabe ao certo se Wilde realmente leu Stirner; no entanto, ele sabia ler alemão e as semelhanças de estilo entre este texto e *The Ego* fazem parecer provável que ele o tenha feito. Em todo caso, a escrita deste “anarco-dandy” é inestimável para o estudante sério do egoísmo

Max Stirner's Dialectical Egoism: A New Interpretation by John F. Welsh. A exploração mais completa e coerente do pensamento de Stirner disponível (em inglês). Uma exploração da filosofia de Stirner, sua influência sobre os pensadores Benjamin Tucker, James L. Walker e Dora Marsden, e uma investigação da relação entre Stirner e Nietzsche.

Biblioteca Anarquista



Matty Thomas

A Relevância de Max Stirner para os Anarco-Comunistas
10 de Janeiro de 2017

É uma tradução do artigo fillerpgh.wordpress.com

bibliotecaanarquista.org